

EXTRACTOS DO DISCURSO DO

PRESIDENTE SAMORA MACHEL NA CADEIA CENTRAL DA MACHAVA

NECESSIDADE DE REESTRUTURAÇÃO DO SISTEMA PRISIONAL SALIENTADA PELO

PRESIDENTE SAMORA MOISÉS MACHEL

Durante as visitas a estabelecimentos prisionais efectuadas a semana passada pelo Presidente Samora Machel, o repórter ouviu o Presidente comentar, referindo-se a uma das celas vulgares destinadas a um dos condenados a pena de prisão maior: "Porta... grades... isolado como um cão. Odiamos isto. Devemos criar outro tipo de soluções, compatíveis com a nossa linha". Mais tarde, após ter escutado responsáveis e reclusos, o Presidente da República Popular de Moçambique sugeriria que essas soluções deveriam ter base no engajamento na produção e no estudo colectivo realizado pelos próprios reclusos, de forma a que a sua recuperação se realize pela formação de uma verdadeira consciência política.

As visitas efectuadas pelo Presidente Samora Machel, acompanhado pelos principais responsáveis do Governo ligados ao sistema prisional e de justiça, nomeadamente o ministro da Defesa, Ministro do Interior, ministro da Justiça, ministro da Indústria e Comércio e Comandante do Corpo de Polícia de Moçambique, antecedem um programa de trabalhos através do qual se tentará vencer as insuficiências actualmente existentes, implementando-se as resoluções sobre justiça que resultaram da Oitava Sessão do Comité Central da FRELIMO, efectuada de 11 a 27 de Fevereiro.

Não será possível realizar essa reestruturação de um momento para o outro. É realidade que, efectivamente, o sistema prisional é ainda praticamente o herdado dos tempos coloniais, como o são também as instalações que, se já eram muitos insuficientes e com capacidade limitada continuam a sê-lo, até porque não interessa continuar a utilizar velhos métodos, os tais que faziam de cada centro prisional «um depósito e uma fábrica de criminosos», como lhes chamou o Presidente Samora Machel.

É também uma realidade que em muitas celas existe excesso de lotação, que muitos detidos aguardam há demasiado tempo serem ouvidos e julgados. Mas se no tempo

colonial a falta de quadros se fazia já sentir, essa falta de quadros é agora ainda maior porque nem todos os quadros preparados para aplicar um sistema de justiça colonial poderão hoje adaptar-se a métodos revolucionários. A FRELIMO não tem realmente experiência de sistemas prisionais como os que existiam em Moçambique, os tais que tentavam a recuperação do homem pelo isolamento em celas por vezes espaçosas (como algumas que existem na Machava), mas onde os homens são encerrados atrás das grades, sem lhes ser dada a possibilidade de criar uma consciência de homens livres, uma consciência política.

REFORMA
-NÃO É POSSÍVEL

É conhecido também, e isso foi evidente em reuniões realizadas com o povo enquadrado pelos seus grupos dinamizadores, que esse povo repudia o crime procurando defender-se através de uma vigilância popular que diariamente entregu suspeitos às autoridades, aceitando o mínimo mal que esses suspeitos aguardem julgamento em liberdade. E então os centros prisionais vão-se enchendo, sem que a máquina emperrada da justiça consiga acompanhar o processo.

Na sua visita aos centros prisionais, o Presidente Sa-

mora e os responsáveis tentaram colmatar deficiências, mas não há reforma possível para um sistema viciado. As visitas mais frequentes de familiares não são o suficiente. A autorização para que haja leitura também não é por si só solução. O aumento da verba de mais quarenta mil contos, anualmente gastos pelo Estado na alimentação dos reclusos poderá melhorar um pouco a dieta, mas não resolve o problema da reeducação, da recuperação de criminosos que, como disse Samora Machel, deverão sair daquelas cadeias, no futuro como cidadãos exemplares.

A produção e o estudo colectivos sugeridos pelo Presidente da RPM, de acordo com a experiência vivida pela FRELIMO durante a luta de libertação, parecem ser os únicos métodos capazes de transformar um criminoso no «homem novo», capaz e ser útil na sociedade moçambicana.

As visitas efectuadas pelo Presidente Samora Machel a semana passada contribuíram para a crítica de desvios e constatação de um certo número de insuficiências que gradualmente poderão ser eliminadas. Mas, fundamentalmente, vão acelerar o processo de reestruturação do sistema prisional e de justiça, de acordo com os métodos revolucionários adquiridos da FRELIMO e nos quais, mais

uma vez o educador será o povo organizado.

ERROS DE INDIVÍDUOS NÃO DA FRELIMO

«Vocês deviam compreender que os erros aqui são dos indivíduos e não da linha da FRELIMO — afirmou o Presidente da FRELIMO no termo de um curto improviso que pronunciou durante a visita que efectuou à Cadeia Central da Machava.

O Presidente Samora, que foi acompanhado nesta sua visita por responsáveis do Partido e do Governo percorreu detalhadamente as instalações daquele estabelecimento prisional, dialogando com os reclusos e interessando-se pelas suas condições de vida no local.

A culminar a sua visita Samora Machel efectuou um curto improviso no qual se começou por referir à responsabilidade com que os reclusos haviam assumido os seus actos. «Nós sentimos em cada um de vocês um certo grau de responsabilidade, pois todos confessaram, todos disseram a verdade e ninguém a escondeu: se matou, se roubou se tentou matar ou roubar. Isso impressionou-nos porque vimos estar diante de homens. Perante homens responsáveis, homens que têm consciência — acima de tudo consciência. Um inconsciente não tem responsabilidade.

DEFINIR

O QUE É PRISÃO

Perguntámos a alguns aqui se a justiça tinha sido bem feita e disseram que sim. E disseram também que o tempo de prisão que lhes foi aplicado corresponde exactamente ao crime praticado. Isso também nos impressionou.

«Ao passarmos para uma segunda fase para sabermos da sua vida no interior da prisão, disseram-nos que trabalham. E é verdade porque já o vimos. Olhando dos pavilhões para aqui onde estamos, assistimos à coisa produzida e temos a certeza absoluta de que nas oficinas, nas carpintarias trabalham da mesma maneira.

Seguidamente o Presidente Samora falou o aspecto da definição de objectivos de uma prisão num sistema revo-

lucionário, afirmando: «Somos muitos aqui, não é verdade, e cada um tem a sua maneira de ver, de sentir de pensar. Mas penso que cada um — ao nível das responsabilidades — deve definir o que é a prisão, o objectivo da prisão. O que é que queremos atingir quando alguém é preso.

Temos homens degenerados, com defeitos e esses defeitos com vários graus. Temos homens com formações diferentes, compreensões diferentes, gostos diferentes, desejos diferentes, vontades diferentes e nós pensamos que através da vida colectiva cada um pode relatar a sua experiência. Cada um pode rever o seu passado e o momento em que praticou o crime para comparar com a vida actual e com o futuro. Neste ponto é que nos importa bastante não criar um inválido».

«Nós ganhámos a luta porque estávamos conscientes dos nossos objectivos. Sabíamos o que queríamos do Rotundo ao Maputo. Sabíamos o que queríamos mas tínhamos problemas».

«Quando iniciámos a luta, em 25 de Setembro de 1964, encontramos um certo número de crimes. Desde pequenas violações até aos crimes mais incriveis. Em Niassa, em Cabo Delgado, em Manica e Sofala, em Tete encontramos roubos de mulheres, bebedeiras, — maus resultados de bebedeiras — deformações da consciência dos homens, irresponsabilidades na sociedade ao nível individual e em relação à colectividade. Encontramos tudo isso».

ORGANIZAR OS HOMENS

«Ao destruir a velha sociedade o nosso primeiro objectivo era eliminarmos as causas dos crimes. Encontramos aqui crimes que nós consideramos crimes políticos, pois resultam da má organização da sociedade.

«Outr alguns aqui dizem «matei o meu filho», «matei a minha filha», «matei a minha mulher». Encontramos isso tudo ao longo da luta. Não só elimináramos a presença dos portugueses colonialistas, como elimináramos os males e a presença dos males».

«Esta é a maior vitória da FRELIMO. O nosso segredo da vitória está aí — organizar a sociedade, organizar os homens para que todos sejam responsáveis perante a sociedade. Fazer com que cada um ganhe consciência.

E mais adiante reforçando a sua ideia: «Nós somos poucos em Moçambique, sobretudo homens válidos, homens responsáveis. Se somarmos os mortos por assassinio com aqueles que foram mortos pelos portugueses colonialistas, onde é que vamos chegar?»

«A nossa tarefa essencial é eliminar os roubos. Definir o que é roubo. Nós já definimos isso. Penso que já leram muitos textos da FRELIMO sobre o assunto. O que é o roubo e o que representa: egoísmo, individualismo. Prejudico a sociedade para satisfazer a minha vontade.

DEFINIÇÃO DE CAMARADA

«Pois o segredo da vitória da FRELIMO — prosseguiu o Presidente Samora — foi ter conseguido organizar a sociedade. A luta para a eliminação dos males. O alcoolismo, as questões conjugais, resultam da má organização e de falta do sentido do que é a família, do que é ter família a responsabilidade que temos pela nossa família».

«A medida que fomos alargando o nosso conhecimento, o amor em relação ao próximo passaremos a respeitar a vida do próximo. Desenvolvemos então a expressão «camaradas». Ela resulta do conhecimento profundo, resulta do amor que nós criamos, resulta de relações profundas, do sentimento comuns, do pensamento e da vontade comuns. Camarada é aquele que comigo partilha os meus sofrimentos e alegrias, as minhas dificuldades e me ajuda a superar as minhas dificuldades, vive o meu problema. Dizemos «é um camarada», «este é meu camarada». Este ajuda-me a superar as minhas insuficiências, ajuda a eliminar as minhas deficiências, corrige-me nos meus desvios ajuda a elevação da minha compreensão e dizemos: «este é um camarada». Este vive a minha dor, vive o meu sofrimento, vive

as muitas dificuldades e tem a mesma vontade de edificar aquilo que eu quero. E aí está o segredo da vitória da guerra em Moçambique, foi isso que nos uniu cada vez mais.

Nós vivíamos os problemas do povo porque o nosso soldado vem do povo é filho do povo, mas não caiu do céu.

É por isso que queremos estudar com muito cuidado estas questões, compreendermos o crescimento de cada um. Não só ver o crime isolado. Compreendermos o crescimento, a origem de cada um para podermos analisar o seu crime desde os pais.

Se já houve na sua família um crime do género roubo, de matar, de violar, casos isolados. São questões sociais a que se transformam em crime. São questões sociais e são questões políticas. Resultam da insuficiência política.

IDEIAS ERRADAS

Durante a guerra ganhámos ideias erradas do inimigo. A nossa luta era de ganhar esse inimigo, ganhar o soldado português que tinha a sua arma na mão para matar. Nós estávamos mais armados politicamente, estávamos mais conscientes e eles eram animais. A única linguagem de homens insuficiente e politicamente mal formados; a única linguagem é esta que estamos a assistir: enterrar as pessoas, amarrar. Durante a luta capturámos soldados inimigos pretos e brancos. Nós morriamos de fome e eles tinham comida, nós andávamos descalços e eles tinham sapatos. Capturámos soldados inimigos feridos e baixavam aos nossos hospitais. Organizámos o nosso povo, os nossos soldados para darem sangue aos soldados do inimigo aos soldados que nós ferimos. Deixou de ser inimigo naquele momento.

Deixou de ser inimigo, é um prisioneiro de guerra, e ferido é um doente. Matar um doente, matar um prisioneiro é crime. Já deixou de ser inimigo. Naquela altura é um prisioneiro político é um prisioneiro de guerra.

Nós gostaríamos que este centro não se transformasse em fábrica de criminosos, mas de homens recuperados. Quanto aos métodos de recuperação, vocês podem ajudar uns aos outros. Vocês próprios podem ajudar. Quais são os métodos de ganhar consciência. Vocês podem discutir, formarem-se grupos de todos. Estudar a vida, o processo em curso em Moçambique. Nunca amarramos. Nós nunca amarramos um criminoso. Temos o Simango capturado, que é criminoso, temos a Joana, temos o Gumahe, temos muitos da PIDE que mataram, que estavam aqui, trabalharam aqui na Machava, mataram. Da PIDE. Agora se o comandante não fala com os seus elementos é mau. Porque ele veio precisamente educar-vos aqui. Falando vai educando vai explicando. Portanto vocês deviam compreender que os erros aqui são dos indivíduos, não são da FRELIMO. Nós chamamos a isso desvios.

(De: "Notícias", Maputo, 1976-06-01)